



Camada pré-sal coloca país entre os dez maiores produtores.

Pág. 3

Lei Seca modifica comportamento, mas necessita de fiscalização.

Pág. 9

Da Redação

Não dá para fechar o ano sem registrar algumas benfeitorias na universidade, mesmo porque sempre há! Até tornarem-se benfeitorias, são reivindicações que ecoam, e a comunidade tem de mostrar aquilo de que precisa, mas quase sempre obra terminada significa boca fechada. Por um lado é até bom; enquanto não chegam reclamações é porque as atividades estão minimamente fluindo. Outro dia, ouvimos de uma repórter: "Por que consertar elevadores num prédio no Valonguinho, se há tantas outras coisas para se fazer na UFF?" É claro que alunos, professores e servidores de lá sabem exatamente da importância de se ter elevadores funcionando num prédio de oito andares, sem falar da questão da acessibilidade.

Mas tudo depende do ponto de vista de cada parte da comunidade, seja interna ou externa. O governo está aí, colocando, em horário nobre na TV, reitores para falar da aprovação do Reuni por parte de todas as federais. Mas não vamos aqui entrar nesse mérito.

O que queremos registrar é que a UFF fecha 2008 deixando algumas ações importantes. Um novo Bandeirão, em 2009, será inaugurado na Praia Vermelha, e os equipamentos já estão sendo comprados. Foram realizadas obras no Instituto Biomédico e no prédio do Anatômico. Foi dada a largada para a recuperação da infra-estrutura das áreas prediais de Química, Engenharia Química e Engenharia do Petróleo. Na área predial destinada ao Instituto de Química, serão 6,7 mil metros quadrados de área construída.

No Huap, foram reabertos o Banco de Sangue e o Banco de Leite Humano, fundamentais para a população. E, até fechar esta edição, seis obras estão em andamento: reforma da Farmácia do hospital; novas instalações da Unidade de Tratamento de Pacientes Oncológicos (Unacon); reforma das fachadas dos prédios; reforma do subsolo; reforma do Serviço de Infectologia (antigo DIP) e construção de rampa de estrutura metálica para acessibilidade do prédio anexo.

A pós-graduação conseguiu atingir a meta para 2012, tanto em número de alunos, como de cursos. Dos 12 programas apresentados, foram aprovados 11, dentre mestrado e doutorado.

Não vamos citar outras benfeitorias, mas ao longo de 2009 o **Jornal da UFF** não deixará de divulgá-las.

Venha 2009, venha trazendo saúde, harmonia, aumento na produção e na qualidade acadêmica. Seja muito bem-vindo!

Boa leitura.

Rosane Fernandes
Editora-Chefe

Por que uma Teoria Política, Jurídica e Social brasileira?



Rosane Fernandes

Rogerio Dultra dos Santos

Professor de Direito Público da UFF

As ciências sociais se institucionalizaram no Brasil nos anos 1930, a partir de São Paulo, trazendo para o país os modernos cânones da área. Sob a influência dos padrões norte-americanos, a universidade dedicou-se a importantes estudos empíricos de médio ou pequeno alcance. A demarcação desse novo campo formal do saber haveria então de afirmar sua especialidade: só àqueles treinados academicamente no ofício caberia doravante produzir conhecimento *legítimo* sobre as estruturas políticas e sociais do país. Evidentemente, o passado não comungava nas mesmas proteções.

Durante os últimos 200 anos da história do Brasil, personagens dedicados aos mais variados ofícios produziram reflexões não menos importantes sobre as nossas instituições e a nossa formação: Joaquim Nabuco e Oliveira Vianna eram juristas; Manuel Bomfim era médico; Euclides da Cunha era engenheiro. Parte da ciência social brasileira relegaria tais reflexões ao baú dos *ensaísmos*, avaliados então como desprovidos do estatuto de conhecimento verdadeiro. Ademais, eles não poderiam formar uma Teoria Política ou Social: falam sobre o Brasil e não em termos universais. Constituiriam um campo denominado *pensamento*, o pensamento social e político brasileiro.

O caráter relativamente arbitrário de fronteiras disciplinares e a qualidade sempre contextual de toda produção do saber são hoje largamente admitidos dentro da própria universidade. Daí que, diante do rompimento consciente daquelas distinções outrora relevantes, epistemológica e politicamente, cumpre reconhecer que várias reflexões podem ter *status* teórico, seguindo os padrões de seu tempo. Segue-se a pertinência de tomar alguns nomes que investigaram a sociedade brasileira, como formuladores de Teorias Políticas, Jurídicas e Sociais.

Aqueles nomes, de fato, envolveram-se com o projeto de construção nacional. Tinham, sob perspectivas diversas, um compromisso com a vida pública do país. Marx, Weber e Kelsen, por exemplo, desenvolveram suas teorias intimamente vinculados aos temas de seu tempo e a partir de seu contexto social, todos eles preocupados com os problemas da modernização das suas respectivas realidades. Portanto, a estreita relação entre os intelectuais e suas questões imediatas não lhes retira terminantemente a possibilidade de formularem

proposições de caráter teórico.

Autores do chamado *pensamento* brasileiro, aqui considerados verdadeiros teóricos, superam os critérios normalmente estabelecidos por uma concepção restrita de cientificidade. Suas formulações conformam visões de mundo que legitimam políticas, povoam o imaginário que subjaz ao senso comum e informam, mesmo inconscientemente, as compreensões prévias existentes nos produtores da ciência humana atual.

A Teoria Política, Jurídica e Social brasileira conta com autores de extrema consistência intelectual. Exemplo de uma abordagem que reconhece tais influências é a análise de Luiz Werneck Vianna em *Weber e a interpretação do Brasil*, texto disponibilizado na internet. Segundo esse autor – ele também um teórico clássico das ciências sociais –, é possível identificar pelo menos duas grandes vertentes da análise do Brasil que fazem perceber nos fatos políticos contemporâneos. Uma delas vê o Estado como entrave ao desenvolvimento dos agentes particulares; a outra vê a iniciativa privada como predatória, privatizando o Estado em benefício próprio.

A oposição e a contundência dessas duas vertentes se aferem pela extensiva influência que têm no imaginário e nas decisões políticas. A teoria segundo a qual o Estado é o grande vilão dos males do Brasil – interpretação dominante, cristalizada na obra de Raymundo Faoro – aponta para um programa político de redução do Estado e de liberação dos interesses capitalistas privados. A teoria oposta reconhece que a modernidade chega aqui pelo Estado Imperial (1808–1822). A ele caberia, segundo José Murilo de Carvalho, evitar que os senhores de terra, e depois os burgueses – ambos dependentes do capitalismo internacional –, ocupassem o espaço público em proveito pessoal. Segundo a análise de Florestan Fernandes, o Estado autoritário responde à necessidade da burguesia de promover seu desenvolvimento sem o assédio do povo.

Como se vê, a Teoria Política, Jurídica e Social brasileira tem uma relevância sem par na definição dos rumos do país, tal como teorias desenvolvidas alhures. Resta a nós, estudantes e pesquisadores das ciências humanas brasileiras, continuar a tradição publicista daqueles teóricos clássicos do pensamento ocidental moderno.

O petróleo nosso de cada dia: dos caraminguás ao pré-sal



Geisa Maria

Diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

O primeiro poço de petróleo que surgiu no Brasil foi aberto em 1939, na Bahia. Nas histórias do “Sítio do Pica-Pau Amarelo”, de Monteiro Lobato, especialmente no livro “O poço do visconde” (1937), os estudos científicos do personagem Visconde de Sabugosa e seus conhecimentos de geologia, aliados à inquietação dos netos de Dona Benta, resultam na descoberta e perfuração dos caraminguás – nomes dados aos poços que fizeram Dona Benta rica e tornaram o Sítio um dos lugares mais invejados no mundo inteiro.

Os reservatórios de petróleo na camada pré-sal em águas profundas do Oceano Atlântico, além de representarem a maior descoberta de recursos naturais economicamente exploráveis dos últimos tempos, constituem-se num trunfo econômico e estratégico nas relações com o mundo em geral e colocam o Brasil entre os dez maiores produtores mundiais de petróleo, apto a se credenciar como membro da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep).

A camada pré-sal é constituída por rochas porosas com aproximadamente 150 milhões de anos, que armazenam petróleo e gás. Está presente em praticamente toda a extensão do litoral brasileiro, desde a Região Sudeste (Bacia de Santos) até a Região Norte (Bacia de Alagoas), a cerca de 300 metros da costa, e localizada entre cinco e seis mil metros abaixo do leito submarino. Atinge temperaturas bastante elevadas, entre 80°C e 100°C.

Em entrevista publicada recentemente (*), o gerente-executivo do Centro de Pesquisas e Desenvolvimento da Petrobras (Cenpes), engenheiro Carlos Tadeu da Costa Fraga, fala dos desafios operacionais específicos do pré-sal. Como exemplo, cita a questão da mobilidade e fácil solubilidade do sal na água, o que impõe a garantia de estabilidade e segurança na perfuração do poço. Ele acrescenta que, nessa região, a camada de sal é espessa, com quase dois mil metros, recebendo e refletindo pouca quantidade de energia, o que dificulta uma melhor visualização dos reservatórios do subsolo, comprometendo as imagens e a coleta necessária de informações do campo geológico. Outra característica é a complexidade logística, isto é, não existem dutos para exportar o gás nessa distância da costa, de cerca de 300 quilômetros.

Segundo Fraga, a construção de gasodutos tradicionais é dispendiosa e leva tempo. Por isso, estão sendo pesquisadas alternativas que permitam transformar e transportar o gás natural em estado líquido. Tais circunstâncias exigem, além do conhecimento e experiência já acumulados pela estatal na exploração e produção em águas profundas, o aperfeiçoamento, a otimização e/ou a geração de novos sistemas,

tecnologias e processos bastante específicos.

No que diz respeito ao investimento em ciência e tecnologia, a Petrobras mantém uma rede de fomento e cooperação tecnológica com universidades e institutos de pesquisa, no Brasil (mais de cem) e no exterior, traduzidas em soluções radicalmente inovadoras para o negócio de petróleo, gás e biocombustível.

Dentre essas instituições, a UFF tem desempenho expressivo, sendo, por exemplo, pioneira na criação de cursos de graduação (2005) e pós-graduação em Engenharia do Petróleo. Na opinião do diretor do Cenpes, “o meio acadêmico tem aptidão para a pesquisa básica, mas não podemos esquecer de voltar o olhar para a aplicação, revertendo a pesquisa básica em aplicada”. Na UFF, o Laboratório de Documentação Ativa e Design Inteligente (ADDLabs-UFF) concretiza uma dessas parcerias e, desde 1995, desenvolve pesquisas e projetos aplicando tecnologia de ponta em inteligência artificial e interação homem-computador aos mais diferentes domínios, dentre eles, petróleo e gás, geologia, engenharia e na web.

A estrutura litológica de formações rochosas é um dos parâmetros mais importantes na caracterização de um reservatório de petróleo. Nessa área, para a Petrobras, o ADDLabs desenvolve uma pesquisa denominada nFac, cujo objetivo é inferir a estrutura litológica de um reservatório a partir de medidas indiretas de propriedades físicas do solo. O sistema nFac é uma ferramenta inteligente que utiliza técnicas estatísticas de lógica nebulosa e de redes neurais integradas para auxiliar pesquisadores na determinação de *eletrofácies* (determinação da *fácies* pelo perfil elétrico) e na identificação da estrutura litológica (composição mineral da rocha) em áreas *offshore*.

Outro exemplo positivo da integração entre a empresa e a universidade é a criação, pelo ADDLabs, de um sistema inteligente computacional para atender às demandas da Petrobras, o ADDgeo, que consiste na aplicação de técnicas de inteligência artificial no auxílio ao reconhecimento de lâminas delgadas de rochas carbonáticas.

Essa ferramenta se mostra eficaz na tarefa de diagnóstico da lâmina e posterior avaliação do potencial petrolífero a partir de amostras de rocha. Além de auxiliar os especialistas durante o processo de análise das lâminas, o sistema possibilita a preservação do conhecimento e da experiência dos geólogos, que se encontrava dispersa e não-sistematizada. Foi desenvolvido um módulo de aquisição de conhecimento semi-automático, que permite aos especialistas ampliar a base de conhecimento do sistema, incluindo regras e descrições de amostras, sem precisar contar com pessoal especializado em computação.

Também para a Petrobras, o ADDLabs pesquisa e desenvolve o sistema DMRisco, que consiste na aplicação de técnicas de inteligência artificial, mais especificamente mineração de dados, para encontrar relações de causa e efeito em situações críticas em plataformas *offshore*. O sistema computacional tem como objetivos utilizar de forma inteligente os dados sobre acidentes nas unidades de exploração e produção e propiciar a prevenção de novas ocorrências.

Em outubro de 2008, com a aprovação da Agência do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), UFF e Petrobras assinaram um termo de cooperação para a recuperação da infra-estrutura das áreas prediais de Química, Engenharia Química e Engenharia do Petróleo, que prevê a construção de três novos prédios no Campus da Praia Vermelha, em Niterói.

Com o investimento, serão reformadas as instalações da Escola de Engenharia e o Departamento de Engenharia Química e Petróleo, expandidos para atender a laboratórios de pesquisa e áreas de trabalho para professores e alunos. Na área destinada ao Instituto de Química serão construídos laboratórios, que terão equipamentos de projetos de agências de fomento como o Fundo Setorial de Petróleo e Gás Natural (CT-Petro), além de auditório, biblioteca, dentre outros. ●

Irredutível, belicoso, coerente, Lobato foi um paladino, dedicando dez anos de sua vida à luta pela hegemonia do petróleo nacional. Há 55 anos da fundação da Petrobras e 60 após a morte de Monteiro Lobato, seus ideais e algumas das “previsões” contidas no conjunto da sua obra, na época inadmissíveis e considerados “coisas de sonhador”, são hoje fatos concretos e irrefutáveis.

Considerado irrequieto, visionário e ousado, o escritor Monteiro Lobato foi alvo da criação de um livroclip, pelo site www.livroclip.com.br, que extrai curiosidades e “profecias” constantes em sua bibliografia, que, naquela época, já citava a globalização, as facilidades promovidas pela internet, o crescimento econômico da China e, o mais surpreendente, a candidatura de um presidente negro à presidência dos Estados Unidos. Para conferir, é só acessar o link <http://www.youtube.com/watch?v=mnbnKoRYThk>.



(*) Fonte: Agência Petrobras, revista de História “Locus”, publicada pelo Núcleo de História Regional/Arquivo Histórico/Departamento Revista de História, publicada pelo Núcleo de História. Acesso internet: http://www.anprotec.org.br/ArquivosDin/ENTREVISTA_pdf_11.pdf.

Um novo caminho para o tratamento da obesidade



Regina Schneiderman

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

Na última pesquisa (*) divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre obesidade, a frequência do excesso de peso atinge quase 40 milhões de brasileiros, o que representa cerca de 40% da população adulta. Outra pesquisa realizada pelo Ministério da Saúde apontou o Rio de Janeiro como campeão em excesso de peso (48%), dentre 15 capitais brasileiras.

Além das pesquisas, o tema é fartamente veiculado pela mídia, seja TV, jornal, revista ou internet. O **Jornal da UFF** também se rendeu ao assunto e foi conversar com a professora Letícia Balbi, responsável por um trabalho de pesquisa e extensão que faz uma nova abordagem para o tratamento da obesidade. Ela é do Departamento de Psicologia da UFF e coordena desde outubro de 2007 o Projeto Psicanálise e Sintomas Alimentares, realizado no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA-UFF). A universidade é a única instituição em Niterói que presta esse tipo de atendimento.

A professora explica que o projeto é mais amplo, pois, além de pacientes com compulsão alimentar (obesidade), dá atendimento psicanalítico a pessoas com sintomas alimentares de anorexia e bulimia. O paciente obeso tem dificuldades de relacionamento com outras pessoas em várias esferas. O tratamento psicanalítico não está voltado para os sintomas e, sim, para as causas das dificuldades do relacionamento com os outros. Ele busca o que a obesidade provoca no desejo da pessoa e a que o sintoma da obesidade está servindo. A pesquisadora afirma que, às vezes, o paciente se queixa da obesidade quando vem à clínica pela primeira vez e depois não toca mais no assunto. "Não é nossa tarefa fazer disso um foco. Nós tratamos as dificuldades da pessoa no seu relacionamento com o mundo. A obesidade é a ponta do *iceberg*. Ela atinge o relacionamento da pessoa no trabalho, na escola, no amor, na sexualidade. Assim, por meio do tratamento psicanalítico, a obesidade do paciente funciona

como uma porta de entrada para tratar do indivíduo nas suas várias questões", esclareceu.

O problema psicológico que mais afeta o paciente obeso é a angústia ligada aos momentos de compulsão quando não consegue parar de buscar comida. As pessoas vão deixando de ter contato com outras, e aí ocorre a depressão porque começam a parar de sair, de ir à praia, etc.

O atendimento no SPA é feito por meio de terapia individual com orientação psicanalítica seguindo as referências teóricas freudiana e lacanianiana. O tratamento busca tratar as questões dentro da história particular

de cada pessoa, Letícia Balbi explica que o trabalho psicanalítico lida com os desejos da pessoa, o que essa capa de gordura representa para as questões do desejo do sujeito. Segundo ela, o tempo de tratamento é prolongado e vai depender das questões que serão abertas no tratamento.

Sobre os resultados do tratamento, a psicóloga e psicanalista Cristiane Marques (colaboradora voluntária no projeto e há oito anos tratando de pacientes obesos) diz que, inicialmente, o paciente entra em contato com as suas dificuldades. A terapia vai abrir uma série de questões que estão intocadas, e o grande problema, o ponto-chave, é que, em longo prazo, a maioria dos pacientes volta a engordar. Eles chegam à clínica depois de terem feito vários tipos de dietas. De acordo com ela, no começo, até emagrecem, mas depois voltam a engordar. Não existe efetividade do tratamento, e há retorno à obesidade. O tratamento no SPA traz melhoria tanto no emagrecimento quanto em relação à própria

angústia de estar acima do peso. Mas ela adverte que a resposta será em longo prazo, pois esse tipo de tratamento não visa a um resultado imediato porque não se pauta nos sintomas.

A professora Letícia Balbi esclarece que o atendimento no projeto não é multidisciplinar. Os pacientes podem ir por indicação ou não e não precisam estar fazendo dieta. No início do programa foi feita divulgação na mídia e, no momento, estão sendo mantidos contatos com os médicos do Hospital Universitário Antônio Pedro,



postos de saúde e Departamento de Nutrição da UFF. Atualmente, 15 pacientes são atendidos pelo projeto do SPA. ●

O atendimento do projeto do SPA é feito por alunos da graduação em Psicologia e da pós-graduação em Psicanálise e Laço Social e pela psicóloga Cristiane Marques. A professora Letícia Balbi supervisiona e coordena as discussões teórico-clínicas. Quem estiver interessado nesse tratamento pode se inscrever no Projeto Psicanálise e Sintomas Alimentares diretamente na Secretaria do Serviço de Psicologia Aplicada (SPA), Campus do Gragoatá, Bloco N, 5º andar, São Domingos, Niterói ou pelos telefones 2629-2951 e 2629-2952.

(*) Esses dados são resultado da segunda etapa da Pesquisa de Orçamentos Familiares realizada no período de 2002/2003, em parceria com o Ministério da Saúde, nos capítulos sobre composição da dieta alimentar e do estado nutricional.

No ar, a TV digital



Eliza Câmara

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

Nunca, na História, houve tantas mudanças neste equipamento eletrônico existente na casa da maioria dos brasileiros – a televisão. Após o advento da cor, nos anos 1950, somente agora as inovações tecnológicas têm sido significativas a ponto de revolucionar radicalmente esses aparelhos.

Entrevistamos os professores do Departamento de Engenharia de Telecomunicações da UFF Débora Christina Muchalut Saade, que desenvolveu a linguagem que permitirá interatividade na TV digital brasileira, e Luiz Claudio Schara Magalhães, com o objetivo de esclarecer sobre a nova TV digital.

Nucs – O padrão digital escolhido pelo governo brasileiro é o japonês?

Débora Christina Saade – O padrão brasileiro não é japonês. A técnica de modulação usada na transmissão e recepção do sinal é que é japonesa. Os outros componentes do sistema, como o codificador de imagens e áudio digitais (MPEG 4), que utiliza tecnologia mais recente e eficiente, e o “middleware” Ginga, que possibilita a interatividade, são tecnologias brasileiras.

Luiz Claudio Magalhães – Isso significa que você não pode comprar uma TV no Japão e trazê-la para o Brasil, pois não vai funcionar. O nosso sistema é incompatível com o do resto do mundo.

Nucs – Como funciona a transmissão digital?

Luiz Claudio Magalhães – As imagens digitais chegam comprimidas ao conversor (“set-top

box”). Essa é a vantagem do sinal digital, pois pode-se colocar no mesmo espaço de transmissão de um canal normal, cinco ou mais canais. No caso de a TV ser analógica, o conversor descomprime o vídeo convertendo-o em sinal analógico para ser visualizado, melhorando as imagens nesses aparelhos. Se a TV for LCD ou de plasma o conversor funciona como receptor do sinal digital e não há necessidade da conversão.

Débora Christina Saade – Quando se comprime a imagem, libera-se espaço no ar. Com isso pode-se ter uma multiprogramação, mais opções de canais. A transmissão digital hoje funciona em “Full HD”.

Nucs – E quanto à recepção do sinal?

Luiz Claudio Magalhães – Para que a recepção do sinal chegue é preciso uma antena interna ou externa UHF individual ou coletiva. Talvez o sistema de antena coletivo de um prédio precise ser modificado para receber os canais digitais.

Débora Christina Saade – A assinatura de TV por cabo ou satélite é totalmente independente da padronização do novo sistema brasileiro de TV digital aberta. Neste caso, os assinantes adquirem um conversor que recebe o sinal que é o que já ocorre com os usuários NET ou SKY. A NET já oferece uma assinatura (serviço HDMAX) que fornece alguns canais em alta definição, sendo transmitidos via cabo.

Nucs – Qual é a diferença entre a TV de plasma e a LCD?

Luiz Claudio Magalhães – São duas tecnolo-

gias diferentes. A TV de plasma tem a vantagem de a imagem ser naturalmente luminosa e, por isso, permite um ângulo de visão maior.

Débora Christina Saade – A tecnologia da TV de plasma é mais barata, e os aparelhos são mais pesados. A LCD inovou na tecnologia dos monitores, para que possa ser usada como computador, e precisa de uma fonte de luz (“back lighting”) para que se possa ver a imagem gerada.

Nucs – Esses aparelhos de TV têm vida útil?

Luiz Claudio Magalhães – O que confere a vida útil da LCD é a “back lighting”, que pode queimar. Na de plasma, a tela gasta com o tempo.

Nucs – Como será o processo de interatividade na TV digital?

Luiz Claudio Magalhães – Você poderá escolher o ângulo em que quiser assistir a um jogo de futebol.

Débora Christina Saade – Outro conteúdo interativo serão os jogos educacionais, além da multiprogramação. Porém a lei brasileira ainda não permite a transmissão de mais de uma programação, assim, uma emissora não pode transmitir novela e jogo ao mesmo tempo. É uma questão política e não técnica. Os conversores disponíveis no mercado ainda não têm o “middleware” Ginga, que permite interatividade, logo, quem adquire um conversor achando que poderá usufruir da interatividade da TV digital ainda não conseguirá isso. ●

DICAS PARA COMPRAR UMA TV

Tamanho da tela – a distância entre o telespectador e a tela deve ser três vezes a altura do aparelho. Assim, você precisará de uma distância de 1,2 metro para uma TV de 32 polegadas, 1,5 metro para a de 40, 1,6 metro para a de 42, 1,7 metro para a de 46, 1,90 metro para a de 50 e 2,0 metros para a de 50 polegadas. Nem mais e nem menos.

Resolução da tela – o ideal é que seja de 1.920 pontos x 1.080 linhas (“Full HD”). Se o orçamento não comportar, uma opção é adquirir uma tela de resolução intermediária (“HD Ready”) de 1.366 pontos x 768 linhas. Não adquira TVs com resolução abaixo de 1.300 pontos por 700 linhas, pois não são adequadas para sinais HD.

Relação de contraste – nas telas LCD os pontos pretos da imagem não ficam totalmente escuros em função de vazamento de luz nos elementos internos da tela, o que prejudica o contraste. Por isso, quanto maior a relação de contraste especificada pelo fabricante,

melhor. A relação ideal é 8.000 por 1 ou maior.

Tempo de resposta – uma imagem de TV é formada pela apresentação de vários quadros em seqüência, porém algumas telas não são capazes de apagar totalmente um quadro para mostrar o quadro seguinte. Logo, escolha uma com tempo de resposta igual ou menor que oito milissegundos (8 ms).

Entradas e saídas de HDMI – quanto maior o número de entradas na TV maior o número de dispositivos digitais (DVD, “home theaters”, conversor) que poderão ser conectados.

Cabo HDMI – necessário para conexão do “set-top box” (conversor) de alta definição com a TV “Full HD”.

Conversor – tem de ser compatível com a resolução da TV. Não adianta adquirir uma TV de baixa resolução e um conversor para uma TV de alta definição (“Full HD”) que a imagem não irá melhorar, e vice-versa. Existem

duas especificações de conversores: “full-seg” e “one-seg”. Os “full-seg” recebem o sinal de alta definição que é visualizado em TVs de plasma, LCD ou analógicas. Os “one-seg” recebem o sinal de baixa definição melhorando a imagem das TVs analógicas tradicionais.

Fonte de luz – dar preferência à LCD com “back lighting” gerada por diodos emissores de luz (LED) para melhor durabilidade.

Antenas – é necessária uma antena interna ou externa UHF individual ou coletiva. Recomenda-se a assistência de um antenista qualificado.

‘Time Machine’ – as TVs com essa tecnologia podem parar uma transmissão ao vivo e retomá-la posteriormente, no momento no qual parou. Também permitem dar “replay” instantâneo, por exemplo, de um lance de futebol, sem depender da emissora para fazer isso, ou mesmo agendar gravações de programações futuras.



Positivo e as duas faces do regime



Frederico Cursino, Larissa Verdier e Thales Rafael

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

Se de alguma forma podemos falar que o regime opressor instalado no Brasil, de 1964 a 1985, ajudou uma instituição de ensino federal, é dizer que ele impulsionou o desenvolvimento das ciências humanas e aguçou o pensamento crítico de estudantes e professores. Trata-se do caso específico da Universidade Federal Fluminense (UFF).



É difícil imaginar que uma ditadura possa ter influenciado uma universidade de maneira “positiva”, mas uma série de fatores contribuiu para isso.

Por exemplo, o fato de a UFF, como instituição federal, ser uma universidade recém-criada em Niterói (1960), portanto, mais discreta no cenário político nacional.

Essa característica promoveu o deslocamento expressivo de muitos alunos contrários ao regime militar para a instituição niteroiense, onde havia mais espaço para a organização de movimentos.



“Nesse período, a UFF deu continuidade a um projeto de desenvolvimento acadêmico que a UFRJ, por exemplo, teve de paralisar”, afirmou o professor do Departamento de Antropologia da UFF e presidente do Diretório Acadêmico de História de 1975 a 1977, Júlio César Tavares. “O centro de vigilância era lá no Rio, e por isso, a UFF se desenvolveu muito. A universidade até era

vigiada, mas não se compara à vigilância que havia na UFRJ”, ressaltou Tavares, ao tratar da diferenciação do olhar da ditadura aos diferentes locais do ensino superior.

Em 1974, houve a fusão dos estados da Guanabara e do Rio. Com a união, o Departamento de Ordem Política e Social (Dops),

que não era tão repressivo em Niterói quanto do outro lado da Baía de Guanabara, passou a dar mais atenção às questões políticas da UFF, em especial às mobilizações que ocorriam dentro dela. “Em 1976, começou uma limpeza por aqui”, lembrou o professor de Filosofia Antônio Serra Amaral.

Foi a partir desse ano que começaram os problemas do professor. Ele dava aulas no Instituto de Arte e Comunicação Social (Iacs), em 1976, quando recebeu um comunicado de demissão pela Assessoria de Segurança e Informação (ASI), órgão ligado ao governo e que fiscalizava a existência de subversivos em instituições públicas. Ele não havia sido aprovado

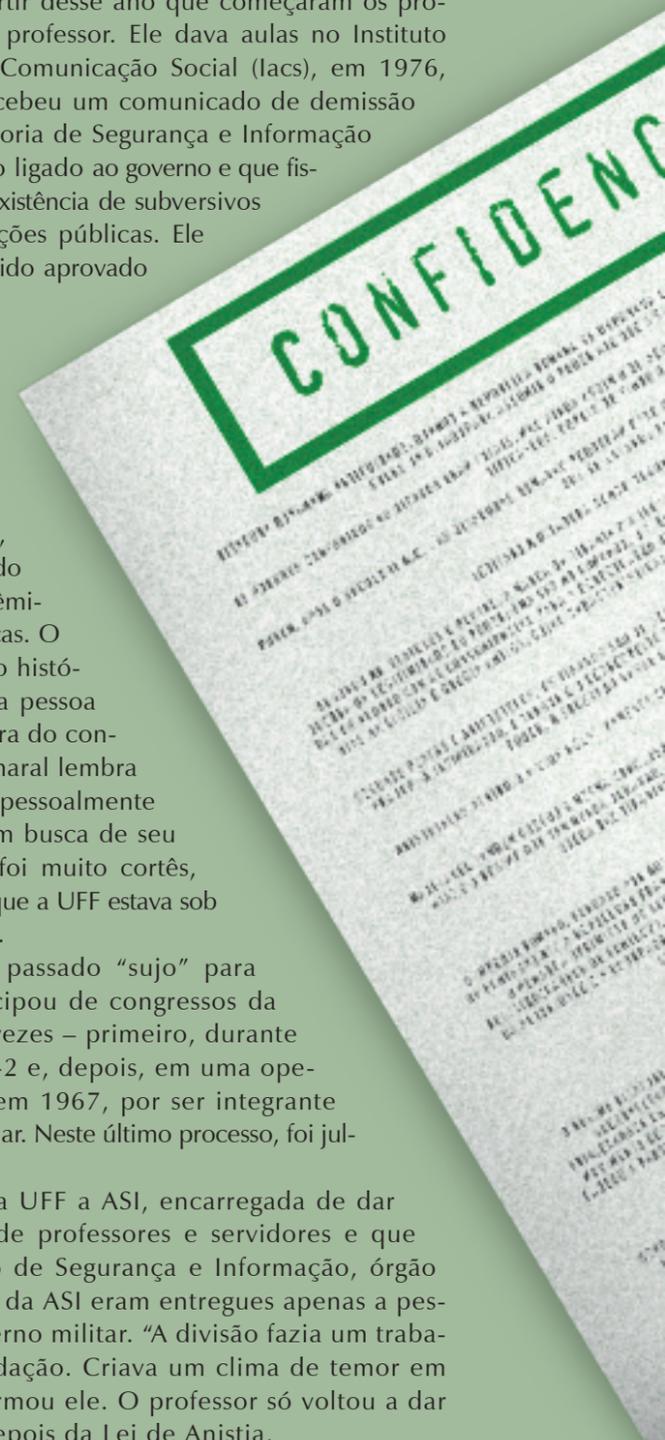
no atestado ideológico fornecido pelo Dops, e devido a isso, ficou proibido

de exercer atividades acadêmicas em universidades públicas. O documento era baseado no histórico de atuação política da pessoa e exigido antes da assinatura do contrato de trabalho. Serra Amaral lembra que chegou a conversar pessoalmente com o diretor do Dops, em busca de seu atestado ideológico. “Ele foi muito cortês, mas negou o atestado porque a UFF estava sob ordem de limpeza”, explicou.

O professor tinha um passado “sujo” para o órgão do regime. Participou de congressos da UNE, foi preso por duas vezes – primeiro, durante uma passeata contra o AI-2 e, depois, em uma operação da Polícia Federal em 1967, por ser integrante do movimento Ação Popular. Neste último processo, foi julgado e absolvido em 1971.

Na época, foi criada na UFF a ASI, encarregada de dar aval para a contratação de professores e servidores e que prestava contas à Divisão de Segurança e Informação, órgão ligado ao MEC. Os cargos da ASI eram entregues apenas a pessoas de confiança do governo militar. “A divisão fazia um trabalho de vigilância e intimidação. Criava um clima de temor em professores e alunos”, afirmou ele. O professor só voltou a dar aulas na UFF em 1980, depois da Lei de Anistia.

Júlio César Tavares também tem muitas recordações desse período. “Ser presidente do Diretório Acadêmico era um ato de ousadia, risco e responsabilidade imensuráveis”, avaliou. Com 23 anos, Tavares, que era estudante de História, foi perseguido e teve amigos presos, mas garante que sempre tomou cuidado para não ter o mesmo destino que os companheiros. “Meu pai



negativo: regime militar na UFF

sempre dizia que era certo lutar por mudanças, mas que eu devia ficar de fora porque se fosse preso, ele não teria dinheiro para pagar um advogado”, brincou. O professor viveu na clandestinidade nos anos de 1978 e 1979, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, onde dava aula em cursinhos.

Ele diz que o Diretório Acadêmico era composto por pessoas ligadas a vários partidos, mas, na verdade, não havia muitas opções: ou se estava contra ou a favor da ditadura. A politização estava direcionada contra o regime autoritário. “O engajamento era um ato moral. Queríamos mudar a vida das pessoas, suprimir o ar *blasé* e instigar a vontade de transformar o país”, refletiu. O movimento estudantil estava voltado para as grandes causas, como a anistia, e também para reformas no âmbito universitário, como a curricular.

Esses acontecimentos ficaram esquecidos por muitos anos. Partiu do professor Antônio Serra Amaral a iniciativa de trazer de volta esse período da história da universidade. Ele foi o autor da indicação que sugeriu a abertura do acervo da época da ditadura, em 2004. Dois anos depois, uma portaria assinada pelo então reitor Cícero Mauro Fialho Rodrigues retirou o caráter sigiloso dos documentos emitidos pela ASI no período em que esta esteve na universidade – entre 1960 e 1988.

Hoje, o acesso a estes documentos está liberado para vítimas da repressão que queiram reclamar algum tipo de indenização e pesquisadores. No entanto, a abertura de arquivos para pesquisa só é permitida mediante a autorização dos familiares ou da própria pessoa envolvida.

São cerca de 30 caixas com jornais de diretórios acadêmicos, fotos de alunos, carta-



Fotos: <http://www.torturanuncaMais-rj.org.br/>

zes de eventos e uma lista com mais de 200 livros proibidos de circular na universidade – curiosamente, a maioria destes por trazerem conteúdos eróticos e não políticos. Os documentos mais polêmicos são os pedidos de busca de informações vindos do governo sobre o “perfil ideológico” de alunos e professores. A chefe do Arquivo Central da Divisão de Arquivos do Núcleo de Documentação (NDC) da UFF, Rosale de Mattos Souza, considera importante a liberação desses arquivos. “Eles revelam o controle exercido pelo regime na vida dos alunos e dos professores.”

Com o mesmo objetivo de recuperar a memória desse período, existe na UFF o projeto de extensão Cálice. Criado pelo professor de Jornalismo João Baptista de Abreu, consiste em expor depoimentos de pessoas que não tiveram seus nomes registrados nos livros de História, mas que, assim como os “heróis” que conhecemos hoje, participaram da luta de resistência ao governo e sofreram as consequências da repressão militar.

Aluno militante da UFF nos “Anos de Chumbo”, Abreu também sentiu a violência daquele regime. Sua formatura, que ocorreria em 1975, foi impedida pelo governo militar. Alguns de seus colegas desapareceram, como o ex-aluno da Faculdade de Direito Fernando Santa Cruz, de quem nunca mais se teve notícia e tornou-se nome do Diretório Central dos Estudantes (DCE) da UFF. “O grande objetivo desse trabalho foi mostrar que, em qualquer ditadura, aqueles que mais sofrem são os ditos ‘anônimos’”, explicou o professor. •

Um tesouro escondido na UFF



Adriana G. Barbosa

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

O local é um acervo de mais de três mil lâminas de microfósseis e centenas de fósseis como cabeça, unhas, dentes, pegadas de dinossauros, peixes, libélulas e vegetais. As paredes são pintadas com desenhos que remetem à evolução das espécies, com diversos períodos da Terra, desde a Pré-História até o surgimento do ser humano. O espaço contém um pequeno tesouro científico num clima lúdico e instigante, um verdadeiro “elo perdido” escondido no Campus do Valonguinho, mais precisamente, no primeiro andar do prédio antigo da Física, onde está localizado o Museu de Paleontologia e Micropaleontologia.



O espaço é coordenado pelas professoras do Departamento de Geoquímica Cátia Fernandes Barbosa e Ana Luiza Espadano de Albuquerque, responsáveis também pelo projeto de montagem do acervo, enviado, aprovado e financiado pelo CNPq desde 2004. O museu foi inaugurado no mesmo ano, com o objetivo de atender às aulas práticas dos cursos de Paleontologia e Micropaleontologia e catalogar o acervo de microfósseis já existente no departamento. “Nosso intuito era que esse material ficasse disponível para as futuras gerações e fazer do Departamento de Geoquímica uma referência nessa área”, afirmou Cátia Barbosa.

Todo o material científico é catalogado no laboratório do departamento, num trabalho conjunto dos alunos, com apoio técnico de um bolsista graduado em Ciências Biológicas e sob a orientação das duas professoras. São eles também que fazem o transporte de todo o acervo já catalogado até o museu, que

está localizado num prédio próximo. O acervo de microfósseis do museu é oriundo de bacias sedimentares de água rosa e mar profundo, de diversas regiões do Nordeste e Sul do Brasil.

Lá, os fósseis expostos nas estantes são réplicas idênticas dos originais fabricadas

na oficina de réplicas da USP.

Segundo Cátia Barbosa, esse procedimento ocorre na maioria dos museus de todo o mundo, porque o manuseio das peças originais pelo público prejudica a manutenção do acervo, que geralmente é composto de peças muito delicadas. As visitas ao museu da Geoquímica devem ser agendadas com antecedência. O espaço físico é pequeno, e aulas práticas de Biologia são realizadas nos dois laboratórios integrados ao local.

Por essa razão, a visitação ainda é bastante reduzida.

A boa nova é que um novo prédio da Geoquímica está em construção, e o museu será

transferido para novas instalações, com espaço físico ampliado, ar-refrigerado central e modernos laboratórios para catalogação do acervo anexo ao local em que as peças ficarão expostas.

“Com isso, a visitação será totalmente aberta ao público, com agendamento de visitas escolares e realização de cursos de treinamento para professores de primeiro grau na área de evolução das espécies. Além disso, com a reforma, haverá espaço para a ampliação também do nosso acervo de réplicas. Vale a pena aguardar um pouco e conhecer o museu quando as obras ficarem prontas”, concluiu a professora. A previsão de término das obras é de, no máximo, dois anos. ●

Microfósseis são organismos, geralmente menores que um centímetro, importantes na geologia de recursos minerais, no estudo das camadas sedimentares, dos ambientes das bacias e das rochas armazenadoras do petróleo.

De acordo com a professora Cátia Barbosa, formar profissionais capacitados para trabalhar com exploração do petróleo tem aumentado, e muito, o interesse pelo curso de Geoquímica. “O trabalho do geoquímico é imprescindível nas empresas ligadas à área de extração de petróleo. Um exemplo disso é a British Petroleum, em Londres, que emprega 40 geólogos, e a Petrobras, que atualmente emprega dez desses profissionais”, explicou.

A Universidade Federal Fluminense oferece o curso de pós-graduação em Geoquímica, especialização da Geologia. Alunos de vários estados do Brasil têm procurado a UFF para cursarem essa especialidade. O curso alcançou conceito 6 da Capes, em sua última avaliação trianual.

Outras informações sobre o curso podem ser obtidas pelo telefone 2629-2218 ou pelo site www.uff.br/geoquimica.



 **Kátia Vieira**

Arte e diagramação: Daniel Fernandez

Dezenove milhões de brasileiros são dependentes do álcool, sendo a droga mais consumida no país. A ingestão de bebida alcoólica cresce 70% no Brasil desde a década de 1970, colocando-o entre os 25 maiores consumidores no mundo. O retrato do consumo de bebida no país é alarmante – o produto é ingerido por 19% dos brasileiros, 40% por estudantes do ensino fundamental.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), morrem no mundo cerca de 1,2 milhão de pessoas por ano em consequência de acidentes de trânsito. No Brasil, depois dos homicídios, essa é a segunda principal causa de morte entre os brasileiros do sexo masculino, entre 15 e 34 anos.

Em contrapartida a esse aumento do consumo de bebidas alcoólicas e do número de acidentes ocasionados pela sua ingestão, o governo brasileiro publicou no mês de junho a Lei 11.705 e o Decreto 6.488, que estabelece que o condutor que for flagrado dirigindo sob a influência de álcool ou de qualquer substância psicoativa terá a Carteira Nacional de Habilitação (CNH) suspensa por 12 meses, multa de R\$ 957,70, além da retenção do veículo até a apresentação de motorista habilitado e o recolhimento do documento de habilitação.

Na ocasião do Natal e do Ano-Novo, além do verão, que são períodos nos quais se consomem, tradicionalmente, vários tipos de bebidas alcoólicas e em maior quantidade, o professor da Universidade Federal Fluminense Walber Paschoal, especialista em assuntos de trânsito, faz uma breve análise sobre os seis meses da vigência da Lei Seca, que estabelece zero de álcool para os motoristas brasileiros.

Segundo Paschoal, essa medida só tem pontos positivos, por ser preventiva. “Quando uma pessoa está alcoolizada, tem a sua atenção e os seus reflexos prejudicados, fatores estes que são fundamentais para que alguém que esteja dirigindo tenha capacidade de concentração, de percepção e de reação, necessárias para garantir uma direção segura”.

No que se refere ao trânsito, para que uma lei tenha resultados é essencial uma fiscalização eficiente, assim como punições severas. Isso é o que avalia o professor, ao mencionar que a História tem mostrado que no Brasil, sempre que surge uma lei de trânsito como a Lei Seca, em um primeiro momento, há fiscalização intensa, acompanhada de campanha publicitária ampla, e os resultados são logo percebidos. “Mas, em um segundo instante, tem-se observado que aos poucos essa fiscalização

vai diminuindo, e as pessoas, percebendo isso, passam a ignorar a lei, fazendo com que os índices de acidentes voltem aos patamares anteriores”, explicou.

O professor cita o exemplo das estatísticas do Departamento Nacional de Trânsito (Denatram) com relação ao Código de Trânsito Brasileiro implantado em 1997.

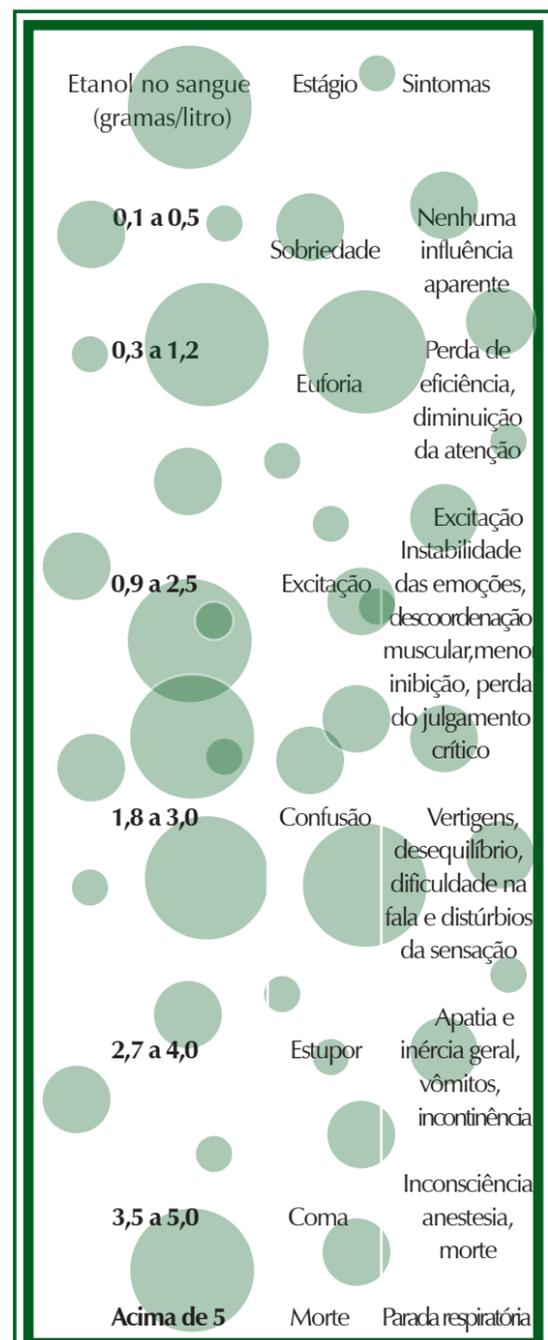
Somente as campanhas educativas não são suficientes para que motoristas dirijam com mais prudência, pois para ele, muitos dizem que culturalmente o motorista brasileiro é indisciplinado se comparado, por exemplo, ao motorista europeu, mas isso não é verdade. “O que ocorre é que na Europa as leis são duras, a fiscalização é eficiente e não há impunidade, fazendo com que os motoristas dirijam melhor.”

Para o médico César Loretti, especialista em gastroenterologia do Hospital Universitário Antônio Pedro, a Lei Seca, com tolerância zero, já deveria ter sido implantada há mais tempo, pois um dos aspectos abordados, referente à ingestão de bebida alcoólica, é o dano social que ela pode causar. “Sentimos redução de cerca de 50% de acidentes ocasionados pelo consumo de álcool. Cada pessoa reage de forma diferente à ingestão de bebida alcoólica. Porém é necessário que se avalie até que ponto somente essa ingestão deve ser detectada. No caso do álcool, os ‘bafômetros’ são eficientes para avaliação imediata do motorista, mas na hipótese de este ter tomado algum tipo de medicamento que possa levar à diminuição de seus reflexos e ter sido alertado de que não deveria dirigir, ele também deveria ser penalizado, pois coloca a vida das pessoas em risco”, advertiu o médico.

De acordo com César Loretti, o álcool, à medida que vai sendo ingerido, causa uma necessidade maior do próprio organismo para que provoque o mesmo efeito de euforia. “O álcool, com o uso continuado, faz surgir o efeito depressor, o que, geralmente, leva o usuário a recorrer a outras drogas para ocasionar o mesmo resultado de antes. Esse efeito associado leva o motorista à diminuição de seus reflexos, perda de percepção e dificuldade de direção”, concluiu.

Medidas como a Lei Seca ocasionam grande desgaste político, pois o enfrentamento contrário ao consumo de bebidas alcoólicas recebe muita rejeição por parte da sociedade e das indústrias. A afirmação de César Loretti é feita ao avaliar que “a taxa de impostos da cerveja deveria ser mais alta, pois o seu consumo é estimulado também pelo

baixo preço, ou seja, uma latinha custa menos que uma lata de refrigerante”. ●



Observações: Em média 45 gramas de etanol (120 ml de aguardente), com estômago vazio, fazem o sangue ter concentração de 0,6 a 1,0 grama por litro; após refeição, a concentração é de 0,3 a 0,5 grama por litro. Um conteúdo igual de etanol, sob a forma de cerveja (1,2 litros), resulta 0,4 a 0,5 grama de etanol por litro de sangue, com estômago vazio, e 0,2 a 0,3 grama por litro, após uma refeição mista.

Aquecimento global é modismo ou realidade?



Maria Léa Aguiar

Arte e diagramação: Daniel Fernandez e Bruno Madeira

Muitas coisas estão sendo ditas como fatos consumados, mas não se pode dizer que sejam fatos científicos consumados, e o aquecimento global é uma delas. Assim, o professor e pesquisador da UFF Jorge Luiz Fernandes de Oliveira, meteorologista de formação e doutor em Ciência Atmosférica, se refere ao debate atual que mobiliza ONGs, governos e, principalmente, a mídia.

De um lado, o International Panel Climate Change (IPCC) que, em seu quarto relatório, diz que essas mudanças climáticas têm, como principal ator, o homem. A corrente contrária lança dúvidas sobre as causas desse fenômeno, que seriam conseqüências de uma variabilidade climática e não propriamente uma mudança climática. Variabilidade climática seria variações relacionadas ao aquecimento e resfriamento pelas quais o clima da Terra passa naturalmente.

A Terra já passou por diversos períodos de glaciação, quatro grandes e outros menores. Recentemente, diz o professor Jorge Luiz Oliveira, saímos de um período frio, chamado de Pequena Era do Gelo, que foi do século XV à metade do século XIX, quando o clima no Hemisfério Norte ficou mais rigoroso, com o Tâmis congelado a maior parte do ano e com a população da Groenlândia sendo extinta no final do século XV (os mais de cinco mil colonizadores que ficaram sem receber suprimentos da Escandinávia).

O IPCC se baseia em três pontos básicos para afirmar que o clima está mudando: na série de temperatura do ar à superfície nos últimos 150 anos; no aumento da concentração de CO₂ na atmosfera, a partir da Revolução Industrial e nos resultados obtidos com modelos numéricos, a partir de cenários de aumento da concentração de CO₂.

Nesse tripé, afirma o pesquisador da UFF, cada ponto tem seu "calcanhar de Aquiles", ou seus

pontos frágeis. As séries de dados de temperatura do ar mais antigas, por exemplo, explica ele, não têm nem 200 anos, o que ocasiona interpretações tendenciosas, uma vez que as cidades que faziam as medições de temperatura do ar no Hemisfério Norte hoje são grandes centros urbanos com temperaturas mais elevadas em função da urbanização. Os modelos numéricos, por sua vez, apresentam limitações nas representações de certos processos físicos, principalmente nos processos envolvendo as nuvens. Outro ponto importante é o aquecimento dos oceanos que intensifica o aquecimento da atmosfera. Com uma concentração de CO₂ 60 vezes maior que a da atmosfera, o aumento de temperatura da superfície do mar (TSM) provoca a liberação de mais CO₂

para a atmosfera, aumentando, assim, a temperatura do ar. Nesse ponto, o professor esclarece que, quando se aumenta a temperatura dos líquidos, o CO₂, que é um gás, é liberado para a atmosfera.

O mesmo fenômeno que ocorre com a Coca-Cola, que, quando gelada, está cheia de gás e, ao se aquecer, libera todo o gás, ficando o que popularmente se chama de "dobra".

Esse aquecimento, no entanto, diz Oliveira, não vai ser em função da atividade humana, mas de uma atividade natural.

O IPCC credita o aumento de CO₂ na atmosfera à ação antrópica, mais especificamente à queima de combustíveis fósseis, que seria a grande responsável, numa sociedade construída à base de energia derivada do petróleo. Uma molécula de CO₂ lançada na atmosfera levaria, em média, 120 anos influenciando no aumento da temperatura, garante ele.

Mas esse é um dos gases. Há ainda o metano, o CFC, o ozônio, sem falar do vapor d'água, que é um gás-estufa natural importante, pois todas as vezes que o céu está nublado ou a atmosfera muito úmida, há uma perda pequena de radiação infravermelha para o espaço, contribuindo para o aumento da temperatura do ar.

O efeito-estufa natural é benéfico para o planeta. O problema estaria na sua intensificação pelos gases de efeito-estufa, pois a temperatura média da Terra é em torno de 18°C. Considerando a Terra como um corpo negro, como são chamados os corpos que absorvem e emitem toda radiação incidente sobre eles, a temperatura de equilíbrio seria em torno de -15°C.

Verifica-se, desta forma, que o efeito-estufa contribui com 33°C para a temperatura do planeta. Logo, é uma incerteza, de acordo com Oliveira, querer afirmar que o homem é o responsável. A série de dados não tem nem 200 anos, para que se possa dizer com segurança se está aumentando ou diminuindo, além disso, a precipitação é muito maldistribuída no espaço e no tempo. Todo o problema está no vínculo, dado como inquestionável e científico, entre o aquecimento e a contribuição do homem.

Esse debate é a mídia que aquece, concluiu com ironia o especialista. ●



Dedicação e amor nunca são demais



Luiza Peluso

Diagramação: Daniel Fernandez/Arte: Bruno Madeira

O personagem desta história pede licença às páginas do tempo para relatar, com seu estilo muito elegante e distinto, os principais capítulos que unem inteiramente sua vida pessoal à profissão. O nome dele é Moacyr de Carvalho Gama, ou senhor Moacyr, como é carinhosamente chamado por todos – servidores, professores e “seus” alunos da Faculdade de Economia. Ele completou em outubro 90 anos de vida, e destes, 30 são de total dedicação como servidor e 20 como prestador de serviço. Durante todos esses anos, ele soube zelar com muita dignidade tudo o que faz. Até hoje, como um verdadeiro guardião, faz questão de ser o primeiro a chegar e o último a sair da faculdade. Numa rotina que já dura 50 anos, é ele quem abre, às 8h, e fecha, às 22h, os portões do casarão do Ingá.

Antes de ser instalada no casarão, a Faculdade de Economia era particular e muitas histórias aconteceram até que fosse federalizada, lembra o senhor Moacyr. Nos primeiros anos, 1949/50, quando já era funcionário, a entidade mantenedora da Faculdade de Economia era o Colégio Plínio Leite, e ela funcionou lá um período, sendo depois transferida para o Liceu Nilo Peçanha, onde ocupava cinco salas.

Nessa época, as aulas eram ministradas três vezes por semana, somente após a implantação do sistema de créditos, entretanto, com a Reforma de 1969, o curso passa a ser oferecido diariamente. Em 1964, como secretário do curso, o senhor Moacyr tinha de preparar, anualmente, um relatório com mais de 200 páginas, para justificar a verba de 500 mil cruzeiros antigos, que a faculdade recebia de subvenção do governo. Ano de protestos e muitos conflitos no Brasil, a faculdade esteve na iminência de ser fechada. O diretor Laércio Andrade prontamente foi até o ministro para impedir seu fechamento. Paralelamente a isso, professores e funcionários rapidamente cotizaram 25 mil cruzeiros para comprar a Faculdade de Economia de Plínio Leite. O senhor Moacyr contribuiu com todo o seu salário – mil cruzeiros – para ajudar no pagamento. “Era preciso agir rápido”, lembrou.

O reitor da UFF, Dioclécio Dantas de Araújo (1963 a 1965), foi cassado e em seu lugar assumiu um reitor *pro-tempore*. Em 1969, quando já era reitor o professor Manoel Barreto Netto, o senhor Moacyr passou a secretário do Departamento de Economia. “Mas eu tive de sair dali porque um memorando do Gabinete da Reitoria mexia com todos os secretários”, explicou. Ficou na Secretaria da Faculdade de Farmácia por três meses e, depois, na Faculdade de Veterinária, por mais seis, de onde guarda boas recordações.

Em 1969, foi criada a coordenação de curso e os três departamentos da Economia. Faziam parte do quadro de docentes nomes como Miriam Limoeiro, Carlos Lessa, Jorge de Souza, Satiê Mizubuti, David Carneiro e outros. “Para o ministério, a prioridade era a Economia da UFF. Muitos professores foram convidados para cargos em importantes órgãos do governo, como o Ipea, a Secretaria da Fazenda e muitos outros”, disse.

Os estudantes de Economia, em 1970, protestaram indo até a Reitoria a fim de exigir a sua volta. O reitor atendeu ao pedido e ofereceu seu retorno por tempo determinado. Desde esse dia, ele nunca mais se ausentou da faculdade. Nesse mesmo período, 180 estudantes entraram nos cursos diurno e noturno, dentre eles, os que hoje formam o quadro de docentes da faculdade: Cláudio Considera, Lenildo Fernando Silva, Hildete Pereira, Ângela Gae, Antonio da Costa Dantas e tantos outros.

Em todos os semestres, ele é homenageado pelos alunos. “Já são mais de 80 homenagens, e nunca faltei a uma cerimônia”, afirmou, orgulhoso, o incansável amigo que sempre aconselhou os alunos a estudar.

Ao longo dos anos, a faculdade diplomou centenas de alunos e passou por diversas transformações, criou o Programa de Pós-Graduação em 1986 e doutorado em 2003. Em 2005, seu auditório foi reinaugurado com uma placa em homenagem a Moacyr de Carvalho Gama.

Atualmente, com todas as mudanças, conta com 1,3 mil alunos, e ele continua sendo homenageado em todos os semestres. E neste ano, culminando com todas as merecidas homenagens, também recebeu o prêmio mais importante que a UFF concede a seus funcionários, o de Servidor Emérito. Parabéns, senhor Moacyr! ●

Campus

Notícias sobre eventos e acontecimentos na UFF

Fazenda-Escola da Faculdade de Veterinária inaugura sala de ordenha mecanizada

A Fazenda-Escola da Faculdade de Veterinária, em Cachoeiras de Macacu (RJ), inaugurou uma sala de ordenha mecanizada. O novo local está adaptado às normas de higiene estabelecidas pelo Ministério da Agricultura e a produção de leite será utilizada para sustentar a fazenda e atender a outras unidades da universidade.

O leite produzido será fornecido ao Hospital Universitário Antônio Pedro (Huap), aos restaurantes universitários (bandejões) e à Creche da UFF.

Na fazenda, os alunos têm aulas práticas, nas quais fazem castração de animais, aplicam vacinas, dentre outras atividades. Atualmente, há criação com 120 bovinos, 40 búfalos, além de cavalos, coelhos, porcos e aves. Um núcleo de experimentos cirúrgicos serve para pesquisas e atendimento aos animais do local. Com a sala de ordenha, serão produzidos inicialmente cem litros de leite por mês, mas a intenção é que a quantidade passe para 300 litros em breve.



Gisele Gomes

(Rosane Fernandes)

Centro de Artes UFF



Sonia de Onofre (Coordenação)

Diagramação: Daniel Fernandez

Exposição Toque-me – A mostra comemora 20 anos do Atelier de Cerâmica Keiko Mayama. Ceramistas e artistas plásticos irão expor ao lado de obras produzidas por deficientes visuais, que podem ser tocadas durante as visitas guiadas. São exibidos trabalhos de artistas do Grupo 4X4 e alunos da artista e da oficina de cerâmica do Instituto Benjamin Constant. Visitas guiadas devem ser agendadas de segunda a sexta-feira, das 14h às 17h, pelo telefone 2629-5026. Galeria de Arte UFF, até 15 de fevereiro de 2009. Segunda a sexta-feira, das 16h às 21h, sábado e domingo, das 17h às 21h. Entrada franca.

(en)Canto anima Brasil – O show “(en)Canto anima Brasil” é o retrato de um Brasil em movimento, com suas manifestações artísticas encontradas em músicas antológicas sob o olhar da musicista Rita Allan. No repertório, Villa-Lobos, Chiquinha Gonzaga, Chico Buarque, Billy Blanco, Tom Jobim, Vinicius de Moraes, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Lulu Santos e composições de novos talentos. Participação de Leandro Donato (guitarra e violão), Agenor Mendez (percussão), Fábio Simões (percussão) e Raphael dy Assis (contrabaixo). Convidados especiais: Billy Blanco e Companhia de Opera Bartalê. Teatro da UFF, 13 de janeiro, às 20h. Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (estudantes, servidores da UFF e maiores de 60 anos). Classificação: 12 anos.

Os Saltimbancos – Musical infantil de Chico Buarque de Hollanda, é uma adaptação da obra dos Irmãos Grimm e encenada pela Companhia Teatrae. A peça conta a história de quatro animais que fogem de casa para escapar dos maus tratos dos donos. Teatro da UFF,

de 17 de janeiro a 1º de fevereiro de 2009. Sábado e domingo, às 17h. Ingressos: R\$ 20 e R\$ 10 (estudantes, servidores da UFF e maiores de 60 anos) e R\$ 15 (com filipeta).

Segundas Eruditas na UFF – Terno Vocal A Música no Tempo de François I. O Terno Vocal é um quarteto masculino que explora todas as possibilidades da música a *cappella* (sem acompanhamento instrumental). Para as celebrações do ano Brasil-França, em 2009, o grupo preparou um repertório inteiramente dedicado à música vocal do período renascentista francês. O principal destaque será a música da época do rei François I. No programa, composições de Clément Janequin, Josquin Desprez, Roland de Lassus, Calais de Guillaume Costeley e Pierre Sandrin. O quarteto é formado por Breno Quinderé (contratenor), Felipe Habib (baixo), Marcello Sader (tenor convidado) e Rafael Erbesdobler (tenor). Teatro da UFF, 26 de janeiro de 2009. Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (estudantes, servidores da UFF e maiores de 60 anos). Classificação: 12 anos.

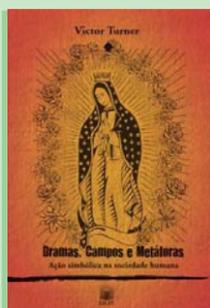
Rita de Cássia canta Maysa – Uma releitura de todos os grandes sucessos de Maysa, que morreu há 31 anos. A cantora Rita de Cássia lembrará “Manhã de Carnaval”, “Demais”, “Meu Mundo Caiu”, “Ne Me Quite Pas” e outras músicas. Participação especial de Ronaldo Costa, Fabiana Zacchi e Leandro Fregonesi. Teatro da UFF, 27 de janeiro de 2009, às 20h. Ingressos: R\$ 10 e R\$ 5 (estudantes, servidores da UFF e maiores de 60 anos). Classificação: 12 anos.

O Teatro da UFF e a Galeria de Arte UFF ficam na Rua Miguel de Frias, 9, Icaraí, Niterói.

Eduff

Compras on-line pelo site: www.eduff.uff.br

Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana



Victor Turner

278 páginas
R\$ 40

Primeira tradução em língua portuguesa do livro de Victor Turner, a obra “traz atrativos capazes de satisfazer uma gama diversificada de leitores, pois nela podem encontrar-se o ensaio teórico; (...) o drama individual e coletivo; a descrição de fatos, pessoas e paisagens; a narrativa de feitos heróicos; (...) e, não por último, o estilo fluente e inconfundível do autor” (Arno Vogel).

Os confins da psicanálise e a crueldade das incertezas



Paulo Roberto Mattos

159 páginas
R\$ 25

Esse trabalho toma os confins do pensamento psicanalítico como objeto privilegiado de investigação, sendo este o território crítico que acolhe as possibilidades de pleno movimento da reflexão e do ato clínico.

Poses e flagrantes: ensaios sobre História e fotografias



Ana Maria Mauad

262 páginas
R\$ 35

“A obra explora os registros visuais para interrogar as construções do olhar, indo além de uma história da fotografia centrada na evolução da técnica ou na criação dos seus autores e escolas. (...) Sem dúvida, este livro se constitui como referência obrigatória para os interessados em pensar o papel da imagem no Brasil em tempos de hegemonia do visual” (Paulo Knauss).